

5ª PARTE

DISCURSOS

Martins Filho e os Livros

Sânzio de Azevedo

QUANDO a professora e historiadora Adelaide Gonçalves me convidou a falar, em nome da Academia Cearense de Letras, nos dez anos de falecimento do Professor Antônio Martins Filho, aceitei o convite pela honra de que ele se reveste, mas logo me veio o temor de não estar à altura dessa tarefa envaidecedora mas carregada de responsabilidade.

Entretanto, em conversa com o meu confrade acadêmico e prezado amigo Dr. José Murilo Martins, lembrou-me ele a grande amizade que unia seu pai ao meu, o poeta Otacílio de Azevedo.

Tanto bastou para que eu recordasse as vezes em que o Dr. Martins Filho me disse, de cor, vários poemas de meu Pai, que ele conhecera no Crato, nos anos 20 do século passado.

E essa lembrança me trouxe de volta o ano de 1969, quando o ilustre homenageado de hoje me convidou a trabalhar com ele na Casa de José de Alencar. Seja-me permitida e perdoada a vaidade de revelar que, no seu livro *Memórias – Maioridade*, tomo II, de 1994, o autor cita meu nome em dois parágrafos, superestimando minha modesta participação na história daquele equipamento cultural da UFC.

É verdade que, justamente por inspiração do Prof. Martins Filho, escrevi três opúsculos sobre agremiações culturais do passado de nossa terra, mas a menção de meu nome vai mesmo por conta da generosidade do Reitor dos Reitores, para usar a feliz expressão de Artur Eduardo Benevides.

O certo é que o convívio na Casa de José de Alencar nos aproximou bastante e o Dr. Martins Filho foi um dos intelectuais que mais me incentivaram a ingressar no magistério de Letras da UFC, bem como a me dedicar ao estudo da Literatura Cearense.

Embora a maioria dos seus livros verse temas não estritamente literários, como a História, a Economia, o Direito a Educação, etc., o

certo é que ele, ainda muito jovem, trabalhando como tipógrafo ou mourejando no comércio, já demonstrava apreço pela literatura, lendo e decorando trechos da epopeia de Camões, ou poemas de Hermes Fontes, Olegário Mariano, Menotti Del Picchia, Augusto dos Anjos (poeta cuja obra chegaria a conhecer profundamente) e outros, bem como os conterrâneos, entre os quais Carlos Gondim, Pe. Antônio Tomás, Mário da Silveira, Otacílio de Azevedo e naturalmente seu irmão José, que se assinava, literariamente, Martins d'Alvarez.

Por sinal, apesar de Martins d'Alvarez ser o irmão mais velho, foi o jovem Antônio que tratou, através de Gustavo Barroso, da publicação de seu primeiro livro de poemas, *Choro Verde*, editado no Rio de Janeiro em 1930.

Tamanho era o pendor do moço Martins Filho para as letras que, ao fundar no Crato, com Oceano Carleial, Santino Gomes de Matos e outros, a Academia dos Infantes, em 1922, foi-lhe confiada a Presidência do grêmio, o que já revelava a capacidade de liderança que o distinguiria pelos tempos afora.

No jornal *A Classe*, da mesma cidade, onde estampava produções em prosa e em verso, publicou ele uma apreciação sobre o livro *Poemas do Cárcere*, de Carlos Gondim, de 1923. Essa apreciação de um jovem de 19 anos, afirmando serem os versos do livro “espontâneos, olímpicamente burilados, impecáveis na forma [e] profundíssimos na metafísica”, foi reproduzida nas páginas finais de *Ânsia Revel*, de 1929, último livro do poeta, ao lado das opiniões de Mário Linhares, Sidney Neto, Elias Mallmann e outros de igual renome.

Depois de residir no Maranhão e no Piauí (onde se bacharelou em Direito no ano de 1935), eis o nosso homenageado em Fortaleza, cidade na qual se fixaria a partir de 1937.

Exercendo o magistério na Capital cearense, Martins Filho, que conseguira experiência nas lides tipográficas da *Gazeta do Cariri*, no Crato, adquiriu de seu amigo Silveira Marinho a Editora Fortaleza, que chegou a lançar vários livros por intermédio do livreiro José Edésio, como *Coisas que o Tempo Levou...*, de Raimundo de Menezes, *Manhã*

de Amor, de Manoel Albano Amora, *Alguns Poemas*, de Antônio Girão Barroso e *A Padaria Espiritual*, de Leonardo Mota, todos em 1938.

A partir desse ano, a editora publicou, durante quase dez anos, a revista *Valor*, que trazia uma mensagem na primeira página, mensagem que terminava dizendo:

“É uma publicação do Ceará para o Brasil e tem uma grande finalidade: reconhecer os valores.”

Sendo grande o número dos que escreviam nesse periódico, que era um “Mensário de Ciências, Letras e Informações”, cito aqui, de um de seus números de 1940, os nomes de alguns colaboradores: Andrade Furtado, Antônio Garrido (pseudônimo de Demócrito Rocha), Figueiredo Filho, Antônio Girão Barroso, José Valdivino, Fran Martins e, dentre os que residiam fora do Ceará, Clóvis Beviláqua, Djacir Menezes, Martins d’Alvarez, José Condé e Brito Broca, sendo que os dois últimos nem cearenses eram.

Foi através da Editora Fortaleza que Martins Filho conheceu o ex-prefeito de Fortaleza e historiador Raimundo Girão, em colaboração com o qual escreveu e publicou em 1939 um “livro de grande formato”, intitulado *O Ceará*. Abrigando trabalhos dos dois escritores mas também estudos assinados por outros autores, essa obra teria mais duas edições, uma em 1945 e outra em 1966.

Em trecho do citado tomo II de *Memórias – Maioridade*, escreveu o autor:

“A Editora Fortaleza e, principalmente, a revista *Valor* foram o ‘Abre-te Sésamo’, para a minha entrada nas altas rodas culturais do Ceará, nas quais conquistei espaço, de maneira gradativa e constante.” (p. 223)

Essa editora publicou ainda, entre outras obras, *Noções de Economia Política*, do próprio Antônio Martins Filho; *Notas e Estudos de Português*, de Martinz de Aguiar; *Ano Litúrgico*, do Monsenhor José Quinderé, e *Estudos de Etnografia Indígena*, de Joaquim Gondim de Albuquerque Lins.

E, para coroar suas atividades, a Editora Fortaleza passou a publicar o *Almanaque do Ceará*, que havia sido criado no século XIX por João Câmara, passara às mãos de seu filho, Sófocles Câmara, e depois às de Silveira Marinho.

É interessante lembrar que, extinta no Liceu do Ceará a disciplina Economia e Estatística, que deveria ser ministrada pelo Prof. Martins, teve ele que escolher outra disciplina e optou por Espanhol. Tinha porém de provar haver estudado esse idioma. Estava em Fortaleza então um professor mexicano, Reynaldo de la Paz, com quem o professor cearense estudou a língua de Cervantes, obtendo um atestado referente a esse estudo. Aconteceu que o Ministério da Educação exigia que fosse comprovada a capacidade do mestre estrangeiro. O Dr. Martins Filho resolveu o problema editando o livro *Compêndio de Gramática Espanhola*, destinado a estudantes brasileiros. Assim, graças à Editora Fortaleza, o mestre de Espanhol, com o passaporte desse compêndio, passou a lecionar em colégios do Rio de Janeiro...

Antônio Martins Filho foi um semeador de livros, e uma das grandes contribuições que deu à cultura do Ceará e do Brasil foi a criação da Coleção Alagadiço Novo, publicada sob os auspícios da Casa de José de Alencar.

Iniciada em 1983 com *Iracema*, do grande romancista, essa coleção teve nada menos do que 308 títulos!

É claro que não me será possível citar todos esses livros, mas escolho alguns, mesmo assim contemplando apenas autores que já não estão mais entre nós. Destaco, assim, os *Contos Escolhidos*, de Moreira Campos; *Mundo Perdido*, de Fran Martins; *Ildefonso Albano e outros ensaios*, de F. Alves de Andrade; *O Crato de Meu Tempo*, de Paulo Elpídio de Menezes; *Reflexões Sobre Augusto dos Anjos*, de Antônio Martins Filho; *Império do Bacamarte*, de Joaryvar Macedo; *Reincidência*, de Cláudio Martins; *Poesias Incompletas*, de Antônio Girão Barroso; *História Abreviada de Fortaleza*, de Mozart Soriano Aderaldo; *Novos Retratos e Lembranças*, de Antônio Sales; *No Mundo da Lua*, de Martins d'Alvarez; *O Inquilino do Passado*, de Eduardo Campos;

Alencar, o Padre Rebelde, de J. C. Alencar Araripe; *Menino Só*, de Jáder de Carvalho; *Geografia Estética de Fortaleza*, de Raimundo Girão; *As Cunhãs*, de Milton Dias; *Uma Chama ao Vento*, de Braga Montenegro; *Não Há Estrelas no Céu*, de João Clímaco Bezerra; *Memórias*, de Gustavo Barroso; *Interpretação do Ceará*, de Abelardo F. Montenegro; *O Sol no Entardecer*, de Sinésio Cabral, e o último, *O Povoamento da Solidão*, de José Costa Matos, editado em 2002, ano do falecimento do Dr. Martins Filho.

Senhoras e senhores,

Conta-se que Coelho Neto, em sua casa no Rio de Janeiro, reunia amigos escritores e improvisava, oralmente, narrativas que, para quem apenas as ouvisse, davam a impressão de estarem sendo lidas.

Pois o Prof. Antônio Martins Filho tinha uma capacidade semelhante, e mais de uma vez tive oportunidade de vê-lo ditando, sem nenhuma anotação, para meu saudoso amigo Joaryvar Macedo, longos trechos de suas memórias.

E, bem mais tarde, na Sala dos Ex-Reitores, fazíamos exercícios de memorização, dizendo sonetos, alternadamente, de Bilac, de Raimundo Correia, de Augusto dos Anjos, de Raul de Leoni ou de poetas menos conhecidos como Da Costa e Silva, Vespasiano Ramos, Maranhão Sobrinho ou Djalma Andrade.

Quando eu ia-me retirar, dizia-me o Dr. Antônio Martins Filho: “Fizemos uma tertúlia, não foi?”

E ríamos: ele, com a satisfação de ver que sua memória, quase aos 90 anos de idade, continuava perfeita, e eu, como um discípulo agradecido, honrado por merecer a atenção de um Mestre de tão alta envergadura.

Em matéria de publicação de livros, seus e de outros, não conheço quem, no Ceará, haja contribuído tanto para o enriquecimento e a preservação da nossa cultura.